

UM HOMEM ASSIM NÃO FEZ DO CHORORÔ O SENTIDO DE SUA VIDA

Estávamos nós, mais uma vez, correndo os olhos sobre as pavorosas revelações de Soror Helena Aiello; cotejamos com elas uma imagem de Cristo que, durante anos, prevaleceu na devoção e espantou pessoas esclarecidas para longe da igreja. A sensação não pode deixar de ser outra: Meu Deus, como é possível que ficássemos vendo em vosso Filho, o Filho do Homem, o Homem por excelência, um mal-amado cuja vida se resumia em mendigar lamuriendo para que o amássemos, fugíssemos da torrente da vida para ficarmos nos martirizando e sofrendo com ele.

Sobre Cristo, já se escreveram e escreverão toneladas de livros, nenhum deles cercando seu mistério. A fim de conhecermos melhor Sua pessoa e talvez nos libertarmos de idéias erradas ou incompletas da catequese ultrapassada que levou a devocionismos amputadores, eis, a seguir, pequena aula do teólogo Hans Küng, tentando mostrar quem era Jesus Cristo e qual sua missão:

“O Cristo não é nenhum outro a não ser o histórico Jesus de Nazaré: nem sacerdote e nem revolucionário político; nem adepto de seita ascética e nem piedoso moralista, mas provocador em todas as direções.

a. *Não pertencia ao establishment sacerdotal:* Havia, em Jerusalém, um *establishment* religioso-político (saduceus), e muitos, posteriormente, consideravam Jesus como representante do *establishment* religioso-ecclesiástico. Mas: Jesus não foi sacerdote. Era “leigo”, manifestamente solteiro e líder de um movimento leigo. Também não era teólogo profissional: não forjava grandes teorias e sistemas. Pregava a iminente vinda do Reino de Deus, sem aparato científico, com palavras muito simples, em forma de comparações, estórias e parábolas.

b. *Não era revolucionário político:* Existia naquela época um partido revolucionário (zelotes, fanáticos), e muitos na América do Sul o entendem, hoje, assim. Mas: Jesus não era certamente nenhum revolucionário político ou social. Tivesse ele efetuado uma reforma agrária ou — como aconteceu na Revolução de Jerusalém, após sua morte — tivesse mandado queimar os títulos de dívida no arquivo de Jerusalém, e tivesse organizado uma insurreição contra as forças de ocupação romanas, já teria de há muito caído no esquecimento. Mas ele pregava a não-violência e o amor aos inimigos.

c. *Não era adepto de seita ascética:* Existia na Palestina, ao tempo de Jesus, uma vida monacal bem organizada (essênios, Qumran) e os monges de todas as épocas sempre gostaram de reportar-se a ela para justificar sua forma de vida. Mas: Jesus, de forma alguma, se retirou do mundo; não se isolou nem mandou quem queria tornar-se perfeito para o grande mosteiro de Qumran, recentemente descoberto perto do Mar Morto. Não fundou nenhuma Ordem com regra, votos, imposições ascéticas, vestes e tradições especiais.

d. *Não era um piedoso moralista:* Havia naquela época um movimento de rearmamento moral: os fariseus. E freqüentes vezes viu-se em Jesus, mais tarde, um “novo legislador”. Mas: Jesus não ensinou nenhuma “nova lei”, nenhuma técnica de piedade, e não tinha nenhuma inclinação para a casuística moral ou jurídica e para todas as questões da interpretação da Lei. Ele anunciou uma nova liberdade em face da legalidade: o amor sem limites.

Portanto: Já compreendemos muito sobre Jesus, se não o enquadrarmos nas coordenadas de *establishment* e revolu-

ção, emigração e compromisso: ele rompe todos os esquemas. Ele é provocador, mas tanto para a direita como para a esquerda: evidentemente mais perto de Deus do que os sacerdotes. E ao mesmo tempo mais livre com relação ao mundo do que os ascetas. Mais moral do que os moralistas. Mais revolucionário do que os revolucionários. Por que ele não se deixa enquadrar? Isto está vinculado àquilo que ele queria. Mas o que ele queria propriamente?

Jesus não pregou uma teoria teológica, nem uma nova lei, nem a si mesmo, mas o Reino de Deus: a causa de Deus (= vontade de Deus) que irá triunfar e que é idêntica à causa do homem (= bem do homem). A pessoa de Jesus desaparece atrás de sua causa. A causa de Jesus é, porém, a causa de Deus no mundo: a iminente vinda do Reino de Deus.

Reino de Deus: A mensagem de Jesus não era, nem de longe, tão complicada como os nossos catecismos ou como nossos manuais de teologia. Ele anunciava em figuras e comparações o Reino de Deus que estava para vir: que a *causa de Deus* triunfará, que o futuro pertence a Deus. Portanto:

— Não apenas o senhorio permanente de Deus concedido desde o início da criação — como apregoavam os hierarcas de Jerusalém. Mas o Reino vindouro de Deus do fim dos tempos.

— Não a teocracia ou democracia religioso-política dos revolucionários zelotes, a ser instaurada violentamente. Mas o imediato e absoluto domínio universal do próprio Deus, a ser esperado sem violência.

— Não o juízo de vingança em favor de uma elite de perfeitos no entender dos essênios e monges de Qumran. Mas a jovial mensagem da ilimitada bondade e incondicional graça de Deus, exatamente para os perdidos e miseráveis.

— Não um reino a ser construído pelos homens através de exato cumprimento da Lei e de moral mais elevada segundo concepção dos fariseus. Mas o Reino final a ser criado pela ação livre de Deus”.

CATABIS & CATACRESES

COMPETÊNCIA DA CNBB?

1. Outro dia um distinto leitor de O Globo (03-03-79), usando um direito muito seu, estranhou que a CNBB, isto é: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, opine ou tente influir em assuntos como a lei da Segurança Nacional.
2. Estranha que a CNBB fale sem ser chamada. Estranha que a CNBB opine “sempre contra a orientação do Governo e nunca colocando-se contra a subversão”. E espera que a Igreja volte às suas “atividades normais” etc. etc.
3. O grande catabi: supor que o Governo é o dono absoluto da Verdade e

da sorte dos cidadãos; supor que a Igreja só se deve ocupar de uma parte do ser humano, aquilo que se convencionou chamar “alma”; supor que uma Lei de Segurança Nacional está acima da moral e do direito, segundo o arbítrio do Estado; supor que “subversão” é subversão, de acordo com os critérios de qualquer ideologia.

4. Bom, leitor amado, precisamos sempre de novo esclarecer que a CNBB como A Folha, como a Igreja não pretende o poder político. Deus nos livre de nos identificarmos com qualquer regime po-

lítico ou qualquer sistema econômico. De modo nenhum. Onde isto, por lamentável equívoco, foi tentado, o desastre foi fatal.

5. Mas não podemos abrir mão da dimensão ética, da dimensão evangélica que nos faz possível — às vezes com certa margem de dúvida ou de erro, muitas vezes com grande dose de risco — olhar o que acontece na sociedade e na vida pública. Também quando se trata de uma Lei da Segurança Nacional que envolve todos os cidadãos e todas as instituições. Também o Estado está sujeito à moral, né?

SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO CORPO E SANGUE DE CRISTO (14-06-1979)

C = Comentador L = Leitor P = Povo S = Sacerdote

Cantos: Lp PROFETAS DA ALEGRIA, Geraldo C. da Silva, Ed. Paulinas

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1 Nós somos testemunhas do que Jesus falou / nós somos missionários do Reino que deixou.

Pois é nossa missão: / profetas da alegria / amar o nosso irmão / viver da eucaristia. / Feliz é quem habita a casa do Senhor / feliz é quem revive ali o seu amor.

2. Aqui e agora somos profetas da manhã / artífices da paz, vivendo a fé cristã.

3. Nós somos os herdeiros da Ressurreição / pois Cristo é a meta da nossa vocação.

4. O Cristo, nossa Páscoa, foi quem nos escolheu / pra difundir o Reino e o amor que o Pai nos deu.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, o Deus da esperança encha o coração de vocês de toda alegria e de paz na fé, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.

P. **Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.**

3 SENTIDO DA MISSA

C. No caminho para a Terra Prometida, Moisés transmite ao povo as recomendações do Senhor Deus. O povo escuta reverente e promete: "Faremos tudo quanto o Senhor nos ordenar!" Moisés toma o sangue dos animais sacrificados e com ele asperge o juramento do povo, para que ele fique selado de maneira solene. Eis, no episódio do Antigo Testamento, figura e símbolo do que nos conta a terceira leitura: Jesus toma o pão e diz: "Isto é meu Corpo". Toma o cálice e diz: "Este é o cálice de meu Sangue, o Sangue da Nova Aliança, que será derramado por muitos". Neste dia, chamado Corpo-de-Cristo, a Igreja celebra o sacramento misterioso da presença de Cristo, através da Eucaristia: pão e vinho transformados em Corpo e Sangue do Senhor, para serem nosso alimento. Toda vez que este mistério é celebrado, renova-se a presença de Cristo, alimenta-se a fé do cristão, asperge-se, com o Sangue da Nova Aliança, o compromisso que renovamos de fazer tudo quanto o Senhor nos ordenou. A renovação das promessas de Deus no Antigo Testamento, a renovação do valor do sacrifício de Jesus, a renovação de nossas promessas cristãs, tudo isso acontece, quando a comunidade do Povo de Deus celebra a Eucaristia.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, reconheçamos as nossas culpas, para celebrarmos dignamente os santos mistérios (Ou outra exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. Pausa para revisão de vida).

Confessemos os nossos pecados:

1. Perdoai-me outra vez, Senhor, novamente eu me fechei / dentro do meu desamor, vossa imagem eu mutilei. **Perdoai-me, Senhor, não vivi minha vocação. / Perdoai-me, Senhor, não amei o meu irmão.**

2. Deveria ser vosso apóstolo, mas pequei por omissão / eu também me acomodei, fracassei vossa missão.

3. Deveria ser bom discípulo, mas calei a minha voz / camuflando o ideal, sem pregar a vossa paz.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

5 GLÓRIA

Glória a Deus, glória a Deus, glória a Deus / e paz aos homens na terra, que trabalham para Deus.

1. Glória ao Pai do céu que primeiro nos amou / e, em vista do seu Cristo, livremente nos criou.

2. Glória a Jesus Cristo, porque veio nos salvar / e o mistério de Deus Pai veio aos homens revelar.

3. Glória ao Espírito Santo, porque é consolador / que ilumina nossa vida e nos enche de amor.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Senhor Jesus Cristo, neste admirável sacramento nos deixastes o memorial de vossa paixão. Dai-nos venerar com tanto amor o mistério de vosso Corpo e de vosso Sangue, que possamos continuamente colher os frutos de vossa redenção. Vós que reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

1 C. A primeira leitura é tirada do Livro do Êxodo, cap. 24, versos 3 a 8. Moisés escuta o juramento do povo e asperge com sangue a aliança: Deus guia o povo à Terra Prometida e o povo obedece aos mandamentos do Senhor. A Lei do Senhor é o caminho para o povo chegar à Terra Prometida.

L. Leitura do Livro do Êxodo: «Moisés transmitiu ao povo todas as palavras do Senhor e todas as Suas determinações. O povo inteiro respondeu a uma só voz: «Faremos tudo quanto o Senhor nos disser!» Moisés escreveu todas essas palavras do Senhor. No dia seguinte pela manhã, construiu um altar ao pé do monte e ergueu doze pedras, dedicadas às dozes tribos de Israel. Mandou que alguns jovens israelitas oferecessem ao Senhor holocaustos e imolassem touros em sacrifícios pacíficos. Moisés guardou metade do sangue em vasilhas e derramou a outra metade sobre o altar. Tomou o livro da Aliança e leu diante do povo. E o povo respondeu: «Faremos tudo o que o Senhor nos disse e seremos obedientes a Ele». Moisés tomou o sangue e aspergiu o povo com ele, dizendo: «Este é o sangue da Aliança que o Senhor concluiu com vocês, através de todas essas palavras». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Sabei que o Senhor é Deus / foi ele quem nos fez e somos filhos seus.

1. Aclamai o Senhor, ó terra inteira / servi o Senhor cheios de júbilo / ide a ele com cantos de alegria.

2. Entrai em sua casa dando graças / no seu templo cantai hinos de louvor / dai-lhe glória, seu nome bendizei.

3. Louvai ao Senhor porque ele é bom / seu amor e sua fidelidade / perduram pelos séculos sem fim.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Hebreus, cap. 9, versos 11 a 15. Para nos resgatar e tornar livres, Cristo ofereceu o próprio sangue. Para que haja redenção e verdadeira libertação dos cativos, é preciso que cristãos ofereçam a vida por seus irmãos.

L. Leitura da Carta de São Paulo aos Hebreus: «Irmãos, Cristo chegou como Sumo Sacerdote que procura os benefícios do mundo novo. Atravessou um santuário mais nobre e mais perfeito, não feito por mãos humanas ou, para dizer melhor, que não é coisa criada. Não levou consigo o sangue de carneiros ou bezerros, mas seu próprio sangue; e com ele entrou, de uma vez por todas, no Santuário, conseguindo resgatar-nos para sempre. Com efeito, o sangue dos carneiros e bezerros e a cinza de novilha com que se aspergem os que se sentiam impuros os faziam santos e puros, segundo critérios humanos. Mas Cristo fez muito mais quando, movido pelo Espírito Santo, se ofereceu a Deus como vítima sem mancha; seu sangue nos purifica interiormente de nossos pecados anteriores para que, daí em diante, sirvamos ao Deus vivo. Por isso, Cristo é o mediador, que nos traz a Nova Aliança. Morrendo para pagar por nossos pecados cometidos ao tempo da primeira aliança, conseguiu que os eleitos de Deus recebessem a herança eterna prometida». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

1. O Senhor me mandou profetizar / e pregar o evangelho da alegria. / As mensagens do Senhor vão libertar / os que sofrem pelo Reino todo dia.

Por isso eu canto: aleluia, aleluia, aleluia!
2. O evangelho mostra a reta direção / para quem sua vida quer mudar. / Deus profere só palavras verdadeiras: / todo homem neste mundo quer salvar.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Marcos, cap. 14, versos 12 a 16 e 22 a 26. Não são ritos religiosos externos que nos colocam de bem com Deus. O específico da Nova Aliança é desviar-

se do aspecto formal da pureza exterior legalista e tornar-nos capazes de nos doarmos aos outros.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «No primeiro dia da festa dos Pães Ázimos, quando os judeus matavam os cordeiros para comemorar a Páscoa, os discípulos perguntaram a Jesus: «Onde queres que preparemos a ceia pascal?» Jesus deu então a dois discípulos a seguinte ordem: «Vão até a cidade e lá um homem, carregando um pote d'água, vai se encontrar com vocês. Sigam esse homem e digam ao dono da casa onde ele entrar: «Onde fica a sala onde eu e meus discípulos comeremos a ceia pascal?» Ele mostrará a vocês uma grande sala no andar de cima, mobiliada e pronta. Preparem lá tudo para nós». Os dois discípulos foram à cidade e encontraram tudo como Jesus havia falado. E prepararam a ceia pascal. Enquanto estavam comendo, Jesus pegou o pão, fez as ações de graças a Deus, partiu e deu aos discípulos, dizendo: «Tomai e comei, isto é o meu Corpo». Em seguida, pegou o cálice, fez as ações de graças a Deus, passou-o aos discípulos e todos beberam dele. Jesus falou: «Este é meu sangue derramado em favor de muitos. É o sangue que sela a Aliança entre Deus e os homens. Afirmo a vocês que não mais beberei deste cálice, até o dia em que o beberei novamente no Reino de Deus». Cantado o hino final de agradecimento, foram todos para o Monte das Oliveiras». — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio, para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, é selada com o Sangue de Cristo a aliança que renovamos quando, na Eucaristia, ouvimos as determinações de Deus e nos comprometemos a cumpri-las. Para que, da Eucaristia, tiremos

força de nos engajarmos no Evangelho, elevemos nossas preces:

L1. Para que nossas celebrações litúrgicas não sejam consideradas meras obrigações dominicais, mas fonte perene de força para vivermos o Evangelho, rezemos ao Senhor.

L2. Para que a participação freqüente na eucaristia aumente nossa inquietação pelos problemas, despertando em nós a fome e sede da justiça do Reino, rezemos ao Senhor.

L3. Para que o Alimento da imortalidade leve os cristãos a darmos valor relativo às seguranças materiais e a nos preocuparmos pela sorte dos que sofrem privações, rezemos ao Senhor.

L4. Para que os ideais de amor que levaram Jesus a dar sua vida por seus amigos sejam também os ideais que motivam nossa vida cristã, rezemos ao Senhor.

L5. Pelos nossos falecidos, que alimentaram sua fé na eucaristia, para que eles agora rezem por nós, a fim de que um dia todos nos reencontremos, rezemos ao Senhor.

L6. Pelas intenções particulares desta santa missa... rezemos ao Senhor.

S. Senhor nosso Deus, vede a boa vontade de nos comprometermos com a justiça de vosso Reino; vede a fraqueza e inconstância em nossa vida cristã; alimentai-nos com a força da Eucaristia, para que nossas celebrações se transformem em fonte de vida. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Não há maior amor que dar a vida pelo irmão.

1. Morava com o Pai, não tinha que morrer / mas quis que seus irmãos também no céu fossem viver.

2. De pão fez sua carne e do vinho o sangue seu / e os dois em sacramento para nós ofereceu.

3. Quem quer ganhar a vida o mundo vai perder / se não morre o grão de trigo, nova vida não vai ter.

4. Não vim pra ser servido, mas vim para servir. / Quem quiser ser meu amigo, este é o caminho a seguir.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



P. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor nosso Deus, concedei à vossa Igreja os dons da unidade e da paz, simbolizados pelo pão e pelo vinho que oferecemos na sagrada eucaristia. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte, / enquanto esperamos a vossa vida.

19 CANTO DA PAZ

Eu te saúdo, meu irmão, / eu te abraço e estendo a mão / porque Jesus no meio de nós / veio trazer a sua paz.

Shalom, shalom, shalom, meu irmão, / que a paz de Jesus Cristo venha ao teu coração.

20 CANTO DA COMUNHÃO



Vinde e vede como Deus é bom / porque ele é nossa redenção. / Vinde e vede como Deus é bom / porque nos deu a libertação.

1. Eis o pão que constrói o homem, que promove a vida e nos leva a Deus. / Eis o líder que não aliena e que alimenta os amigos seus.

2. Eis o pão que nos equilibra e nos desenvolve de modo integral. / É o Cristo que nos fortalece para o crescimento do homem total.

3. Este pão não é subterfúgio de quem, nesta vida, foge do dever / pois o Cristo só nos enriquece, se correspondermos ao seu querer.

4. Nossa mente ganha mais saúde e a nossa vida muito mais vigor. / Este pão sustenta a caminhada, até nossa morada junto do Senhor.

21 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Senhor Jesus, dai-nos chegar um dia ao gozo de vossa presença, que já começamos a saborear na terra, pela comunhão de vosso Corpo e de vosso Sangue. Vós que viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. Tudo que é imposto como obrigação termina enfadando. Obrigação imposta funciona como véu que impede vermos o valor real das coisas. Um pouco disso deve ter acontecido com a missa, transformada em obrigação dominical sob ameaça de pecado. Resultado: a ameaça de pecado, com suas consequências, foi suficiente, durante certo tempo, para forçar um povo ingênuo a comparecer. A ameaça de pecado funcionou ainda como silenciador de consciências críticas, que já viam a necessidade de mudanças. Mas a Igreja ficou celebrando, durante séculos, em linguagem estrangeira, que o povo, às vezes nem o padre, entendiam. Hoje notam-se os resultados primaveris do Concílio Vaticano II, também na celebração da eucaristia. Se o número dos que comparecem parece ter momentaneamente diminuído, a celebração eucarística arquivou o involuntário antipático de obrigação, para transformar-se no centro de vida da comunidade cristã, na sua festa por excelência, onde ocorre o encontro dos irmãos; ocasião em que a comunidade toma suas decisões, fonte em que a comunidade se alimenta para construir o povo que vive os valores evangélicos.

23 CANTO FINAL

24 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

IMAGEM DUM CASAL DE NAMORADOS

1. Dona Iaiazinha dá sempre jeito. Se preciso, faz serão. Se preciso, acorda às quatro, às três. Mas dá sempre um jeitinho de não perder a missa das seis no convento de S. Francisco. Tão pertinente, cinquenta metros apenas. E lá está dona Iaiazinha. Com escuro ou claro. Com sol ou chuva. Desta missa diária, que é sacrifício diário unido à cruz de Jesus Cristo, dona Iaiazinha tira tudo para o dia e para a vida: luz e força, fidelidade e amor, tudo, tudo, vós me dais, Senhor, neste sacrifício do vosso corpo e sangue.

2. Tudo, sobretudo paciência com o marido. Nicolau é trabalhador e fiel à palavra dada. Vive para a casa e a família. Mas o pavio é curto. Quando tudo sai como ele quer, paz e amor. Desandem as coisas, leve um concorrente o bom freguês que se desenhava no horizonte, sucedam discordâncias em casa, ai, o pavio curto funciona e a explosão abala as paredes do lar. Mas aquela missinha das seis, não é, dona Iaiazinha? traz sempre a necessária dose de silêncio e paciência, de humildade e compreensão. E a tempestade passa.

3. Mas dona Iaiazinha não se cansa de pedir: Jesus, convertei Nicolau. Fazei que Nicolau vá comigo à missa do domingo, meu bom Jesus. Nicolau vai à missa. Sozinho. A seu jeito, sem mulher nem filhos. Traz no sangue a devoção a N. Senhora da Ajuda, de sua Itaporanga natal. Sozinho, a seu jeito. Dona Iaiazinha insiste: Jesus, fazei que Nicolau... Um sábado à noite, depois de uma semana de bons negócios, eufórica e cheia, a surpresa: Iaiazinha, amanhã eu vou pra missa com você e os meninos. Casal de namorados. Obrigada, Jesus. (A. H.)

MINISTÉRIO DA PALAVRA

PUEBLA: MAIS ASPECTOS POSITIVOS

A Folha: *A visita do S. Padre João Paulo II foi um aspecto positivo. Mas a Terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano não ofereceu aspectos positivos em si mesma?*

Dom Adriano: A Conferência de Puebla tem vários aspectos positivos que eu gostaria de mencionar. Em primeiro lugar não condenou o que muitos esperavam que Puebla condenasse.

A Folha: *Por exemplo?*

Dom Adriano: Não condenou a Teologia da Libertação. Houve jornais que interpretaram algumas declarações do Papa João Paulo II como condenação da Teologia da Libertação. Certos grupos cantaram e pularam com as manchetes e os editoriais de alguns órgãos da imprensa. O Papa não condenou a Teologia da Libertação. A Conferência de Puebla não condenou a Teologia da Libertação. Quem lê os textos de Puebla com atenção verá que em diversas passagens ecoa o estilo dos teólogos da libertação. No entanto a mim me parece uma grave lacuna o fato de a Conferência de Puebla não se ter ocupado expressamente da Teologia da Libertação que é um movimento — talvez uma escola teológica em gestação — original da América Latina. Uma Assembléia de Bispos, como foi a Terceira Conferência, devia, creio eu, ocupar-se de uma “corrente teológica” atual, por uns apaixonadamente defendida, por outros apaixonadamente rejeitada, não para condenar, não para aprovar, mas para tomar conhecimento oficial e para discernir o que o Espírito Santo inspira na sua Igreja. Isto não aconteceu, apesar de algumas sugestões neste sentido.

A Folha: *Mas o fato de não ter condenado não significa uma atitude da Conferência de Puebla?*

Dom Adriano: É atitude positiva, certo, mas fraca. Quanto às comunidades eclesiais de base, não houve também condenação, como alguns esperavam antes e durante a nossa assembléia. Aqui a Terceira Conferência foi mais clara: não só não condenou, mas aprovou e recomendou, por ex. quando diz: “As Comunidades Eclesiais de Base são expressão do amor preferencial da Igreja pelo Povo simples; nelas se exprime, valoriza e purifica sua religiosidade e lhes dá possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (491).

A Folha: *O senhor pode citar ainda outras condenações que não houve?*

Dom Adriano: Havia quem esperasse a condenação ou rejeição de Medellín, da opção pelos pobres, da linha social da Pastoral latino-americana. Os adversários de Medellín eram numerosos, uns claros outros disfarçados. Para eles Medellín trouxe uma direção errada à Igreja da América Latina: preocupação social e política, concessões à ideologia marxista, horizontalização da Pastoral etc. etc. O certo é que Medellín não foi condenada. Pelo contrário, a Conferência de Medellín foi reafirmada e serviu sempre como ponto de referência para os trabalhos de Puebla. — Outra condenação que não houve: a condenação da linha social que a Pastoral da América Latina assumiu sobretudo a partir de Medellín. Não houve condenação. Pelo contrário a Terceira Conferência, com o aval expresso do Papa João Paulo II (confira a terceira parte do discurso de abertura e várias manifestações durante a visita ao México), reafirmou no seu lugar certo a importância do social — em seus diversos aspectos — para a Pastoral.

LITURGIA & VIDA

FESTA DO CORPO DE DEUS

A Igreja primitiva celebrava a Eucaristia, como banquete e como sacrifício, e da celebração eucarística tirava, como de uma fonte perene e inesgotável, a força de ser Igreja de Jesus Cristo. Assim sucedeu durante séculos. A fé viva e inabalável, também indiscutível, no mistério do Corpo e do Sangue do Senhor, bastava plenamente. A Sagrada Reserva (esta expressão ainda se usa) era mesmo “reserva”: para os doentes e moribundos, e não para um culto particular.

Na Idade Média se dá um fenômeno novo. Começa com Berengário a primeira dúvida sobre a presença real. Começa ou pelo menos se generaliza a prática de “assistir” à S. Missa sem comungar. A Liturgia Eucarística, para muitos cristãos, começa a esvaziar-se. Nasce então aqui e acolá uma reação a este princípio de esvaziamento, sobretudo a partir das visões de S. Juliana de Liège. Esta reação cresce das Igrejas particulares para

a Igreja universal e assim no século XIV temos um culto eucarístico especial: sacrários nas igrejas, bênção do SSmo., expiação solene, procissões e a festa do Corpo de Deus.

Na reforma litúrgica efetuada depois do Vaticano II conservou-se a tradição medieval, com certos cortes (por ex. a celebração da Eucaristia perante o SSmo. exposto solenemente foi abolida).

A devoção eucarística oferece muitos elementos de piedade popular que deveriam ser vitalizados (ou revitalizados), por ex. as bênçãos e horas santas. Não para empobrecer mas para fomentar a Liturgia Eucarística, a participação ativa, frutuosa na S. Missa.

1. Como dar uma forma de testemunho público à procissão do Corpo de Deus?
2. Como realizar as bênçãos do SSmo. e as Horas Santas?
3. E as “visitas” ao SSmo.? Que valor têm?